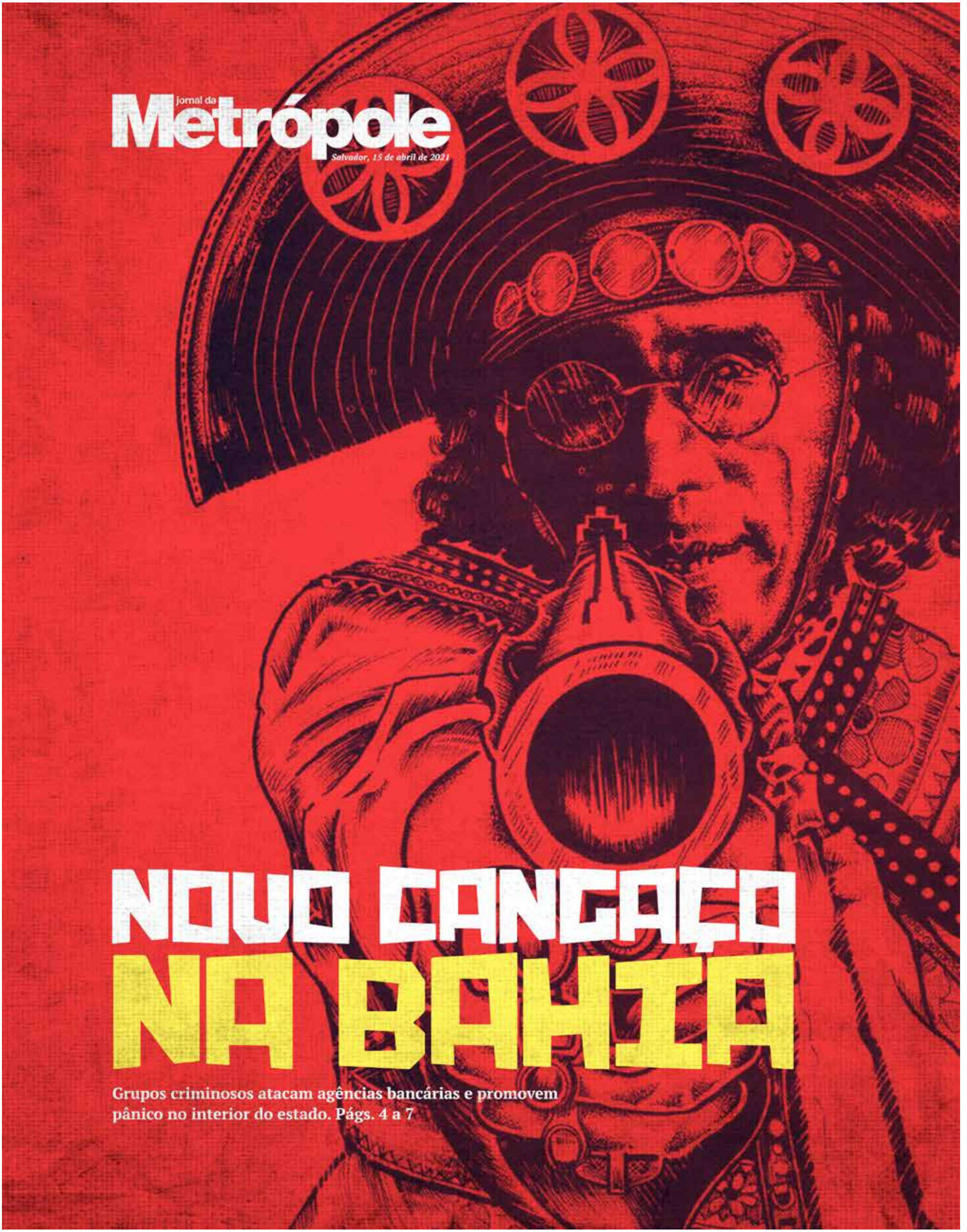
jornal da Metrópole
Salvador, 15 de abril de 2021



NOVO CANGAÇO NA BAHIA

Grupos criminosos atacam agências bancárias e promovem pânico no interior do estado. Págs. 4 a 7

Artigo

DE COMO URBANISTAS GRINGOS SALVARAM O PALÁCIO THOMÉ DE SOUSA

Texto **James Martins**
james.martins@metro1.com.br

reproducao

O Palácio Thomé de Sousa, sede da prefeitura de Salvador, já nasceu polêmico. Projetado pelo arquiteto e urbanista João Filgueiras Lima (Lelé) e construído no tempo recorde de 14 dias, na gestão de Mário Kertész, o edifício inaugurado em 1986 prevê a própria transitoriedade. Mas isso porque, erguido sobre uma garagem (hoje Centro Cultural da Câmara de Vereadores), poderia, no futuro, apropriar-se do próprio espaço dela e tornar-se, no dizer do arquiteto, "mais funcional". Seja como for, desde aquele período a construção suscita debates, escárnios e admirações (também internacionalmente) e, mesmo que o próprio Lelé lamentasse que "até hoje o prédio não aparece nos cartões-postais", fato é que ele se impôs como peça marcante do centro histórico e da paisagem urbana da cidade. E conseguiu o seu maior propósito: recentralizar a prefeitura, na época situada em Brotas, estabelecendo de novo "a primeira praça dos três poderes do Brasil", como enfatiza o ex-prefeito.

Em fevereiro de 2019, uma decisão judicial determinou o desmonte do edifício, argumentando que fora erguido sem autorização do Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Mas não é a primeira vez que se tenta desfazer a obra de Lelé. Em longo depoimento para a série "O Que é Ser", da editora Record, o arquiteto lembra que, durante a gestão de Antonio Imbassahy, outro projeto chegou a ser apresentado. Destacando a delicadeza do gestor, Lelé diz que não criou objeções para a substituição. "Aí aconteceu o seguinte. Nesse período, o PFL elegera no Rio Luiz Paulo Conde, que também estava fazendo um trabalho de recuperação do centro histórico e havia contratado dois arquitetos importantes nessa área, o português Nuno Portas e o espanhol Oriol Bohigas. Vieram dar consultoria, principalmente no aspecto histórico, e Imbassahy chamou os dois para opinar sobre essa questão da mudança do prédio. Eles foram radicalmente contra. O prefeito desistiu, resolveu dar uma pintura no prédio, mas foi por influência desses dois arquitetos".

"A boa arquitetura de um período vai sempre bem com a de qualquer período anterior"

Seja como for, mérito de Imbassahy, que soube ouvir especialistas gabaritados. Em entrevista recente à Rádio Metrópole, o ex-prefeito lembrou que a ocasião reuniu também o arquiteto Frank Gehry, que projetou o Museu Guggenheim, ícone da arquitetura mundial. "E essas três personalidades importantes foram contra a substituição, argumentando que não precisava ter necessariamente, naquele espaço, alguma coisa que reconstituísse o passado", disse. Imbassahy citou ainda, como exemplo, o Centro Georges Pompidou, em Paris, a famosa "pirâmide do Louvre", que "no início foi impactante, mas depois foi sendo absorvida, por estabelecer o diálogo entre o novo e o antigo". Aliás, internacionalmente, o Palácio Thomé de Sousa também é citado como referência no mesmo sentido. "Agora mesmo [2004], num estudo que estão fazendo do centro histórico na Alemanha, pediram o projeto da prefeitura. Saiu na revista francesa L'Architecture D'aujourd'hui com uma importância enorme", atestou Lelé no livro citado.

A discussão, por sinal, é antiga em si mesma. Quando Oscar Niemeyer apresentou o projeto do Hotel Ouro Preto, lá nos anos 1930, a reação foi semelhante. Preferiam uma proposta neo-colonial, para supostamente combinar melhor com "o estilo das casas" da cidade histórica. Foi quando Lúcio Costa enviou uma carta ao Diretor do SPHAN, Rodrigo Mello Franco de Andrade, que nos cai como uma luva. Infelizmente não temos espaço para reproduzir na íntegra. Fica esse trecho: "De excepcional pureza e de muito equilíbrio plástico, [o projeto] é na verdade, uma obra de arte e, como tal, não deverá estranhar a vizinhança de outras obras de arte, embora diferentes, porque a boa arquitetura de um determinado período vai sempre bem com a de qualquer período anterior, - e o que não combina com coisa nenhuma é a falta de arquitetura".

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **André Uzêda, Gabriel Amorim, Geovana Oliveira e Luciana Freire**
Revisão **André Uzêda, James Martins e Ian Alves**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Jornal da Metrópole
Grupo Metrópole
Rua Conde Pereira Carneiro, 226
Pernambués CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

Ana

Maria Miranda dos Santos

é uma das 160 mil pessoas que recebem cesta básica todo mês

A pandemia afetou a vida de todos, principalmente de quem mais precisa. Por isso, a Prefeitura não mediu esforços para ampliar seus programas sociais. Está acolhendo moradores de rua, distribuindo refeições, entregando mais de 160 mil cestas básicas para as famílias mais carentes e um auxílio de 270 reais por mês para trabalhadores que ficaram sem renda. Em tempos tão difíceis é bom saber que você pode contar com a Prefeitura.

SALVADOR
PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

PANDEMIA PUXA ONDA DO 'NOVO CANGAÇO'

Explosões a banco voltam a crescer no estado e especialistas indicam relação com queda de circulação de dinheiro por conta da crise sanitária

Violência

Texto **Gabriel Amorim**
gabriel.amorim@radiometropole.com.br

O primeiro ataque este ano foi em 30 de janeiro, na cidade de Muniz Ferreira. O mais recente, na última terça-feira, em uma agência do Banco do Brasil, em Porto Seco Pirajá, aqui em Salvador. Ao todo, em 2021, foram 13 vezes que bandidos promoveram o terror e explodiram agências bancárias na Bahia.

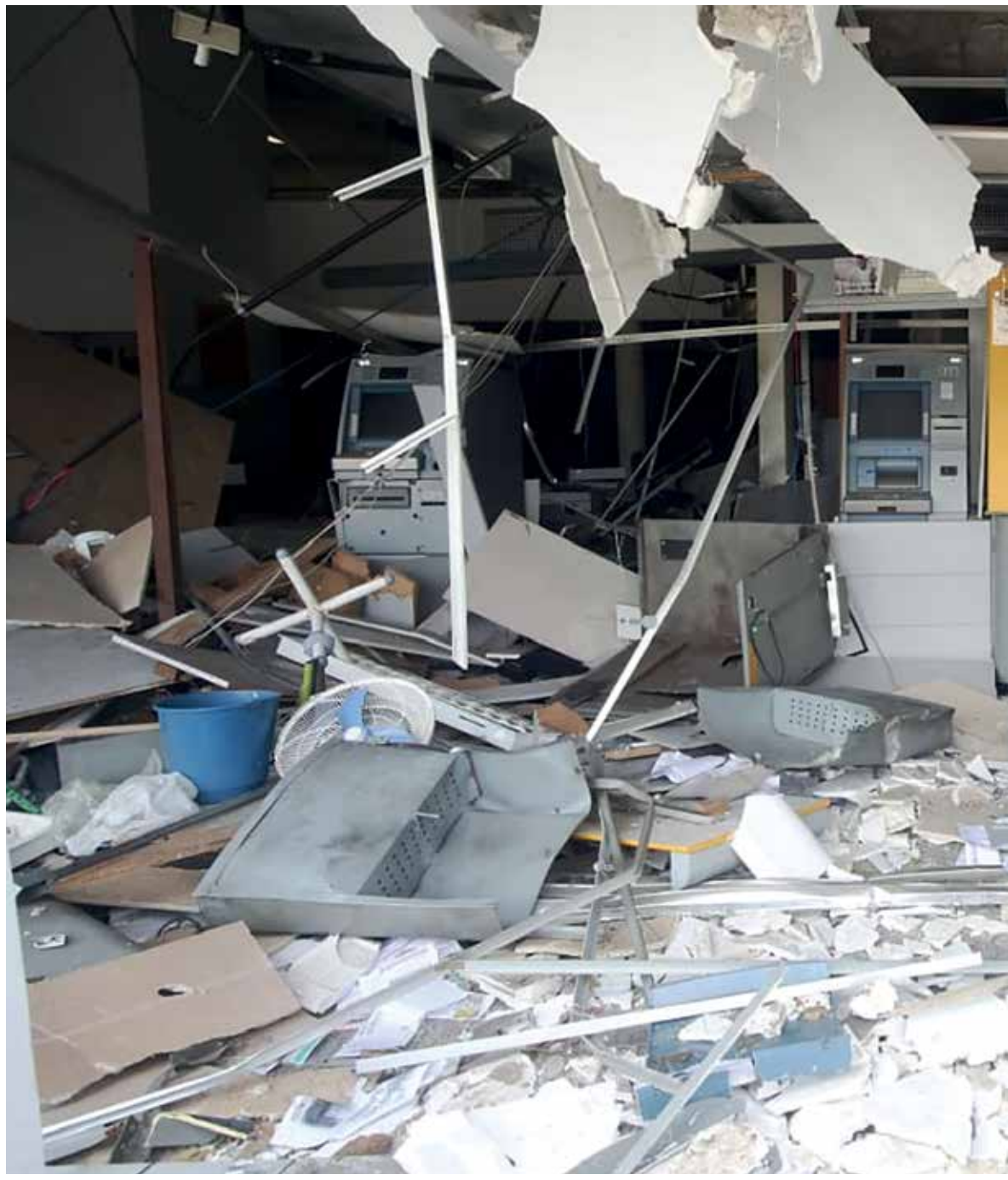
Cidades menores se tornam o alvo preferencial de bandidos, que agem na madrugada em busca daquilo que, na pandemia, tem se tornado cada vez mais raro nas ruas: o dinheiro em espécie.

A ação orquestrada em bando, a quantidade de armas de grosso calibre e o rastro de pânico deixado traz de volta uma designação utilizada por especialistas em segurança pública: "o novo cangaço". O termo faz referência direta ao movimento de banditismo e pilhagem ocorrido em mais de dois séculos no sertão brasileiro.

"Esse nome, 'novo cangaço', começa a ser disseminado por conta de um grande roubo em São Paulo, em Atibaia, que teve grande repercussão, armamento do peado. Essa escolha por áreas mais remotas, e com o bando chegando de surpresa acaba remetendo ao cangaço", explica o professor titular de estratégia e gestão pública do Insper e professor licenciado da Escola de Administração da UFBA, Sandro Cabral.

Antes da pandemia, esse tipo de crime vinha decrescendo nos últimos anos, em todo estado, de acordo com números da Secretaria de Segurança Pública. No entanto, somente em quatro meses deste ano, o número de ocorrências já corresponde a 38% de todos os ataques em 2020.

13
ataques a bancos na Bahia desde janeiro de 2021



ATAQUES A BANCO ‘DIA SIM, DIA NÃO’

Nos últimos seis anos a Secretaria da Segurança Pública da Bahia contabiliza uma queda nos ataques a banco - com uma redução de até 91% na quantidade de ocorrências - , os últimos dias trouxeram o movimento exatamente oposto. Nos 13 primeiros dias de abril, seis ataques com explosivos foram registrados em cidades do interior e duas agências na capital. A recorrência acaba colocando o estado na estatística de praticamente um ataque a bancos a cada dois dias neste mês, algo, em média, como “dia sim, dia não”.

Entre os alvos das ações dos bandidos estão as cidades de Campo Alegre de Lourdes, Abaré, Itiruçu e Sapeaçu. Em comum, o fato de serem cidades pequenas com populações que variam entre 12 e 28 mil habitantes.

Para os especialistas, quanto menor a cidade, mais exposta ela está. “São cidades remotas onde a polícia tem a estrutura compatível com os crimes que ocorrem historicamente naquele território. Isso faz com que esse tipo de atividade acabe sendo bastante lucrativa para as quadrilhas”, explica Sandro Cabral.

DE SURPRESA, MAS NÃO DE IMPROVISO

O modo de ataque dos criminosos às agências bancárias é quase sempre o mesmo. Eles agem em conjunto, de madrugada, com armas de grosso calibre e promovem um rastro de terror por onde passam.

Estas escolhas, analisa o professor Sandro Cabral, refletem o nível de planejamento e preparo das quadrilhas. “Ações como essa envolvem informações sobre movimentação de recurso nos bancos. Isso é fruto de muito planejamento e, não raro, conta com a colaboração de gente que conhece a rotina dos bancos e da própria polícia”, explica.

Cabral ainda pontua que o planejamento gera dificuldades no enfrentamento a estes crimes. “É preciso um trabalho de inteligência, de troca de informações entre as polícias e os bancos, para que isso seja mitigado”, afirma.

arquivo/sindicato dos bancários da bahia

arquivo/sindicato dos bancários da bahia

“É preciso um trabalho de inteligência, de troca de informações entre as polícias e os bancos”

Sandro Cabral, analista de segurança

ACESSO ÀS ARMAS FACILITA AÇÃO

Além das circunstâncias causadas pela pandemia, outro fator que pode ter contribuído para o aumento dos ataques a bancos é o acesso às armas. Uma mudança nas leis, após ação deliberada do governo federal, pode ter facilitado o acesso dos assaltantes aos armamentos. "Hoje você tem uma oferta maior de armas. Quanto mais armas você tem em circulação, mais chances dessas armas serem utilizadas. São armas que são liberadas para caçadores, mas estão encontrando função de outra forma", cogita Cabral.

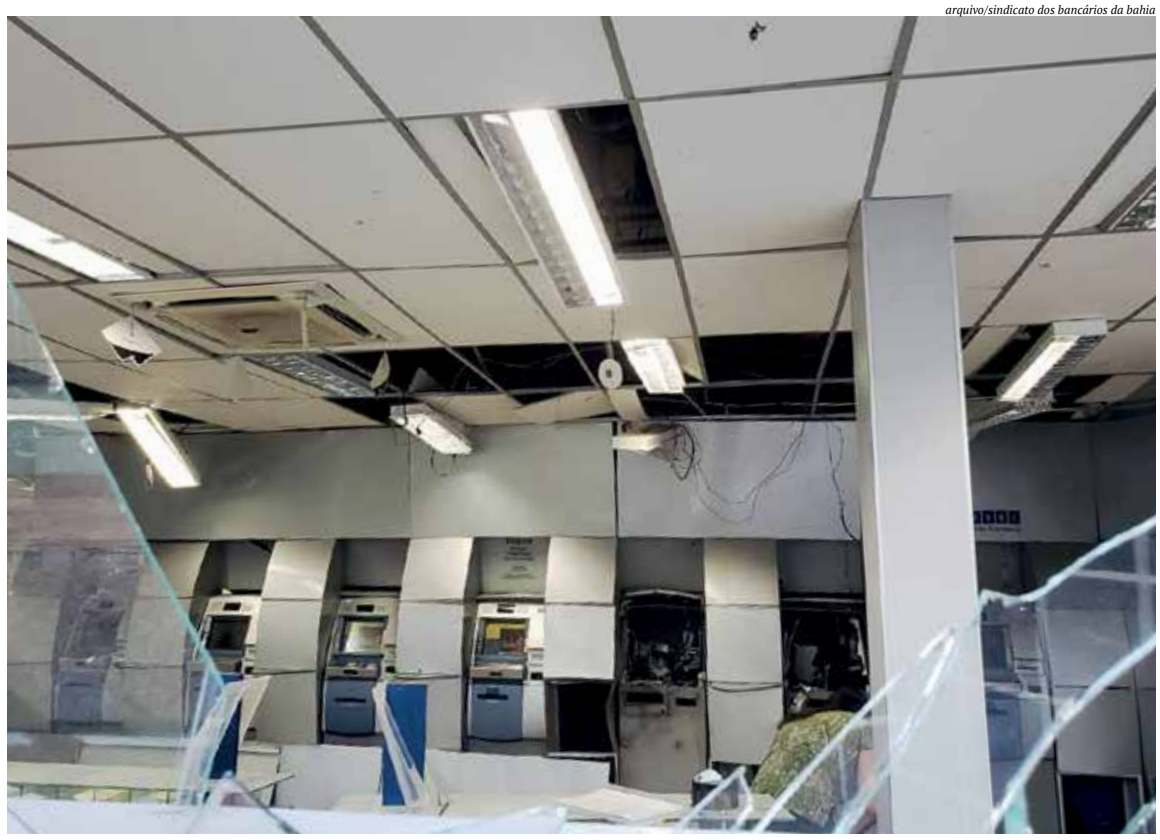
O armamento usado pelos bandidos é bastante específico para dar vantagem em um possível confronto com as forças policiais. "Todo esse movimento de liberação de armas promovido pelo governo federal não ajuda a gente a evitar esse tipo de ocorrência, porque você tem armamento pesado circulando", avalia o especialista.

arquivo/sindicato dos bancários da bahia

"Você deixa de ter uma vida tranquila e passa a viver uma realidade que você não conhecia

Bancário que preferiu não se identificar

arquivo/sindicato dos bancários da bahia



"SER BANCÁRIO NO INTERIOR É UM ATO DE BRAVURA"

"Tenho medo. Quando vejo qualquer reportagem, leio qualquer coisa, a sensação é muito ruim". O relato é de alguém que já sentiu na pele, por duas vezes, a angústia de ter o seu local de trabalho atacado por criminosos. Bancário há quinze anos, o funcionário preferiu não se identificar, mas contou ao Jornal da Metrópole os detalhes do que viveu.

"Às vezes você tem que mudar a rotina de sua vida, tem que chegar no trabalho em um horário diferente, tem que ir pra casa por um caminho diferente. Você deixa de ter uma vida tranquila e passa a viver uma realidade que você não conhecia. Ser bancário em cidade pequena é um ato de coragem, de bravura", conta o profissional sobre os episódios que viveu entre 2013 e 2014 trabalhando em uma das duas únicas agências da cidade de Mundo Novo, na região do Piemonte da Chapada Diamantina.

Segundo o bancário, dois anos depois da ação dos bandidos, mais dois colegas ainda pediram afastamento do trabalho. "O período pós-assalto é angustiante. Qualquer barulho que pareça um tiro causa um pânico na gente. Durante algum tempo, alarmes falsos de assalto ocorreram e foi como estouro de boiada, todo mundo saindo correndo", lembra ele.

arquivo/sindicato dos bancários da bahia

BANCOS TÊM INVESTIDO MAIS EM SEGURANÇA ONLINE, DIZ SINDICATO

Depois dos recentes ataques a agências bancárias na Bahia, o sindicato dos Bancários defende a necessidade de aumento dos investimentos, por parte dos bancos, em segurança das unidades físicas. "Os bancos têm investido em segurança nos últimos anos, mas focaram bastante na segurança na internet. A proteção de dados e a proteção contra transações fraudulentas é muito importante. Mas isso não significa dizer que não seja importante proteger também as unidades físicas", defende Augusto Vasconcelos, presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia.

Segundo ele, reuniões periódicas acontecem entre o sindicato e a Federação Nacional dos Bancos para tratar do assunto. "Os bancos representam um dos setores mais lucrativos da economia e podem, sim, realizar melhorias na segurança. Temos feito algumas sugestões em reuniões, algumas inclusive mais sigilosas na intenção de melhorar essa estratégia de segurança", defende o representante.

os bancos precisam melhorar segurança física

unplash

CASOS DE DEPRESSÃO CRESCEM ENTRE FUNCIONÁRIOS

Para os bancários e demais funcionários das agências, o prejuízo causado pelos ataques ultrapassam o aspecto financeiro. "Estamos muito preocupados com essa onda de violência. Isso traz um prejuízo não só econômico, mas sobretudo psíquico e que afeta o dia a dia de quem trabalha nas unidades", afirma Augusto Vasconcelos.

Segundo o representante, o sindicato acompanha com frequência casos de depressão, crises de ansiedade e síndrome de burnout, que acometem aqueles que passam pelo trauma de um assalto ou ataque ao seu local de trabalho. O sindicato, no entanto, não possui levantamento em números do quantitativo de afastamentos. "O fato é que quem trabalha em bancos, e a própria população, vizinhos, moradores das cidades onde as agências são atacadas, estamos amedrontados", diz Vasconcelos.

6

ataques a bancos nos últimos 13 dias na Bahia

arquivo/sindicato dos bancários da bahia

arquivo/sindicato dos bancários da bahia

"Os bancários estão amedrontados com essa onda de ataques"

Augusto Vasconcelos, presidente do sind. dos bancários

OBITUÁRIO

O ADEUS AO JORNALISTA RENATO PINHEIRO

Profissional teve passagem por grandes veículos de impresa e tratava um câncer há dois anos

Luto

Texto **André Uzêda**
andre.uzeda@radiometropole.com.br

Jornalista, pai de três filhos, avô de dois netos, admirado por colegas de profissão e celebrado por amigos. Renato Pinheiro morreu na última segunda-feira, aos 69 anos, vitimado por um câncer o qual tratava há dois anos.

Versátil, trabalhou em grandes veículos da imprensa nacional, emprestando seu talento para O Globo, Estadão, Revista Veja e Jornal do Brasil. Na imprensa local, suas letras deram forma a reportagens assinadas na Tribuna da Bahia e Jornal A Tarde. Renato foi também colunista da Revista Metrópole, desde a primeira edição, em junho de 2007. Sua verve irônica abraçou temas como política, conflitos internacionais e até pequenas miudezas do cotidiano, capturadas pelo seu olhar atento. Na primeira edição, escreveu um artigo tão mordaz quanto atual sobre a fauna que compõe o Congresso Nacional brasileiro.

O Sindicato dos Jornalistas da Bahia (SinjorBa) ressaltou "o legado de compromisso ético e respeito pela profissão" que marcaram a trajetória de Renato. Amigos, em uníssono, destacaram seu senso de humor, lealdade e "sorriso largo".

"Um ser humano especial e cheio de sonhos. Seguimos por aqui, tentando sobreviver a essa tempestade e preservar um pouco dos nossos sonhos, porque eles não envelhecem", escreveu Olívia Soares, também jornalista.

divulgacao

PAIXÃO PELO BAHIA

Além do texto impecável e do humor cortante, Renato era conhecido por ser um ardoroso torcedor do Esporte Clube Bahia, além de devoto fiel de Santa Dulce dos Pobres.

Era casado com a também jornalista Luci Bruni e pai de três filhos, Ângelo, Renê e Gabriel Pinheiro – este último também jornalista. "Seu cumprimento era sempre iniciado e findado com um sorriso e com o seu inesquecível 'na boa'. É isso, paizão, vai 'na boa'", escreveu Gabriel, em suas redes sociais.

ricardo borges/divulgacao

UM ANO SEM O ETERNO MORAES

Homenagem

Texto **Geovana Oliveira**
geovana.oliveira@radiometropole.com.br

É uma coincidência quase poética que, no primeiro ano de carnaval sem Moraes, não tenha havido festa. Mesmo com o evento sendo cancelado devido à pandemia, e não efetivamente por sua morte, a partida do primeiro cantor a dar voz ao trio elétrico fez-se sentir também no silêncio das avenidas.

Na última terça-feira, 13 de abril, completou-se exatamente um ano da morte do eterno integrante do grupo Novos Baianos e agente revolucionário do carnaval da Bahia – seja pela voz, seja por trazer o ijexá como ritmo da festa.

Em entrevista ao **Jornal da Metrópole**, seu filho, Davi, enaltece a longevidade da arte do pai: "Sua música está viva no coração das pessoas, levada pelas antenas, alto-falantes e caixas de som".

O parceiro na composição de "Chame Gente", Armandinho Macedo, fala sobre o vazio deixado pela morte do amigo. "Moraes foi muito intenso em tudo. A carreira dele é uma carreira do Brasil inteiro: um grande compositor, cancioneiro, autêntico, com uma batida de violão brasileira. Ele era muito raiz".

Já Gerônimo Santana lembra de "Seu Antônio", como chamava o cantor e compositor. "Nós estamos passando por uma fase muito difícil, e a maior falta que eu sinto é exatamente a alegria e as músicas de bom coração que ele compôs".

Mesmo para quem vive há tempos do carnaval, e se acostumou com frequentes despedidas, o peso da morte de Moraes ainda tem um significado muito particular. "Toda perda é difícil, mas perder Moraes, para nós que fazemos carnaval, que aprendemos a viver disso, é complicado", diz Ricardo Chaves.

marcos hermes/divulgacao

"Sua música está viva no coração das pessoas, levada pelas antenas, alto-falantes e caixas de som"

Davi Moraes, músico e filho de Moraes Moreira

COLUNA

MALU FONTES

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrópole

HENRY, MIGUEL E O PATRIMONIALISMO QUE NÃO MORRE

Uma das razões para a babá do menino Henry Borel ter mentido para a polícia em seu primeiro depoimento, omitindo os maus-tratos que ele sofria do padrasto e a omissão da mãe, agora presos e acusados de homicídio, foi, além da coerção do casal, da família dos dois e do advogado, a situação empregatícia dos seus parentes. Ela própria, a mãe, o noivo, um tio e uma tia ou são empregados da família do vereador Jairinho ou têm empregos arranjados por ele na Prefeitura do Rio de Janeiro.

Os parentes da babá foram empregados na gestão do ex-prefeito Marcelo Crivella, de quem o Dr. Jairinho, vereador no 5º mandato no Rio de Janeiro, era líder na Câmara Municipal. A mãe do menino, namorada do vereador há cerca de seis meses, era professora da rede pública municipal. Ao engatar o romance com o político e ir morar com ele, também conseguiu um emprego público, claro. Foi indicada para um cargo de confiança no Tribunal de Contas do Município, com um salário de 14 mil reais. Era, ao que se sabe até agora, um cargo, um emprego, não um trabalho. A diferença entre as duas coisas? Não precisar ir ao TCM e nem fazer nada.

Não há como ver essas informações da confusão oportunista entre a vida pública e a privada do vereador, emergindo no contexto da investigação policial da morte de uma criança de quatro anos, e não lembrar da morte de outro menino, cuja investigação também revelou artimanhas que a casa grande usa embaixo de seus tapetes para drenar dinheiro do estado e manter seus privilégios de classe média, cercada de serviçais pagos com o dinheiro do contribuinte. Em junho do ano passado, o menino Miguel Otávio morreu ao cair do 9º andar de uma janela dos edifícios mais caros de Recife.

Miguel tinha cinco anos e era filho da empregada doméstica Mirtes Souza. O Brasil já estava no meio da pandemia, e Mirtes, por não ter com quem deixar o filho e ter que trabalhar, levou a criança para a casa da patroa naquele dia. Ao descer para levar o cachorro dos patrões para passear, deixou o filho com a patroa, Sari Corte Real, que fazia as unhas com uma manicure, em domicílio. Miguel chamou pela mãe, insistiu. Sari perdeu a paciência e deixou o menino ficar no elevador, sozinho. O resto da história, todo mundo sabe.

O que talvez muitos já não lembrem é do detalhe que aproxima o caso Miguel do caso Henry, não pela tipologia da tragédia em si, mas pelos métodos semelhantes vistos nos dois casos, usados por dois homens públicos, com mandato eletivo e, consequentemente, com poder para se apropriar do estado como bem queriam. O patrão de Mirtes, Sérgio Hacker, era o então prefeito de Itamaracá, município da região metropolitana de Recife. Com a morte de Miguel, durante as investigações, descobriu-se que Mirtes e a mãe dela, embora trabalhassem em funções domésticas na casa do prefeito, estavam na folha de pagamento da prefeitura, eram pagas pelo poder público.

Esse costume das autoridades brasileiras se apropriarem do que é público vigora desde o Brasil colonial

RAPINAGEM - Agora, a morte de Henry trouxe à tona outro caso, entre os milhares e milhares de tantos parecidos que a gente sabe ou desconhece, de homens públicos que atualizam todos os dias o patrimonialismo, essa falta de interdição entre o que é público e o que é privado. Esse costume das autoridades brasileiras se apropriarem do que é público vigora desde o Brasil colonial, quando os poderosos tinham como método uma espécie de extrativismo de rapinagem. Arrancar da colônia e em nome da Coroa o máximo que pudessem.

Com cinco mandatos e poderoso como era, com relações próximas com todas as autoridades do Rio, do governador aos empresários da área de saúde, do ex-prefeito ao atual, Jairinho certamente deve ter enfiado muitos protegidos nas folhas de pagamento do poder público da cidade e do estado. Não fosse a tecnologia para recuperar as conversas apagadas nos celulares da mãe de Henry e da babá, os empregos públicos da família da moça estariam até agora contribuindo para acobertar os bastidores de um crime contra uma criança.

QUEREMOS RESPOSTAS

foto do leitor/divulgacao

ACADEMIAS DIFICULTAM CANCELAMENTOS

Alunos de academias de ginástica aqui em Salvador se queixaram com frequência da dificuldade de cancelar os planos de matrícula durante a pandemia. Segundo eles, enquanto estes espaços estiveram fechados, continuaram cobrando taxas e, em alguns casos, impediram o cancelamento das matrículas. Com o novo plano de retomada econômica da prefeitura, as academias reabriram. Muitos alunos, no entanto, seguem reclamando que não são atendidos quando ligam por telefone e nem nos canais virtuais.

dow quimica/divulgacao

BURACO NA ILHA

A cratera na Ilha de Matarandiba, em Vera Cruz, segue como um cicatriz aberta há dois anos. A principal suspeita de provocar a erosão, de 110 metros de comprimento e 32,7 de profundidade, é a empresa americana Dow Química, que opera na localidade. O Ministério Público Federal investiga o caso.

gil ferreira/agencia cnj

OPERAÇÃO FAROESTE

Na última terça-feira, o ministro Edson Fachin, do STF, manteve a prisão do advogado Márcio Duarte Miranda, réu na Operação Faroeste. Ele está preso preventivamente desde novembro de 2019 por integrar o suposto esquema de venda de sentenças no Tribunal de Justiça da Bahia.

ESTREIA DE JORGE AMADO COMPLETA 90 ANOS

Lançado em 1931, 'O país do Carnaval' marca início da carreira literária de Jorge Amado e antecipa temas que o tornariam um autor internacionalmente festejado

Literatura

Texto **Luciana Freire**
luciana.santana@metro1.com.br

Jorge Amado tinha apenas 18 anos quando estreou no mercado editorial brasileiro, em 1931. 'O país do Carnaval', sua primeira publicação solo, saiu com uma tiragem de mil exemplares já na primeira edição.

O livro teve uma boa aceitação da crítica e foi "o menos atacado" de seus escritos, como ele mesmo brincou em entrevista ao Literatura Comentada, na ocasião do aniversário dos 50 anos da publicação.

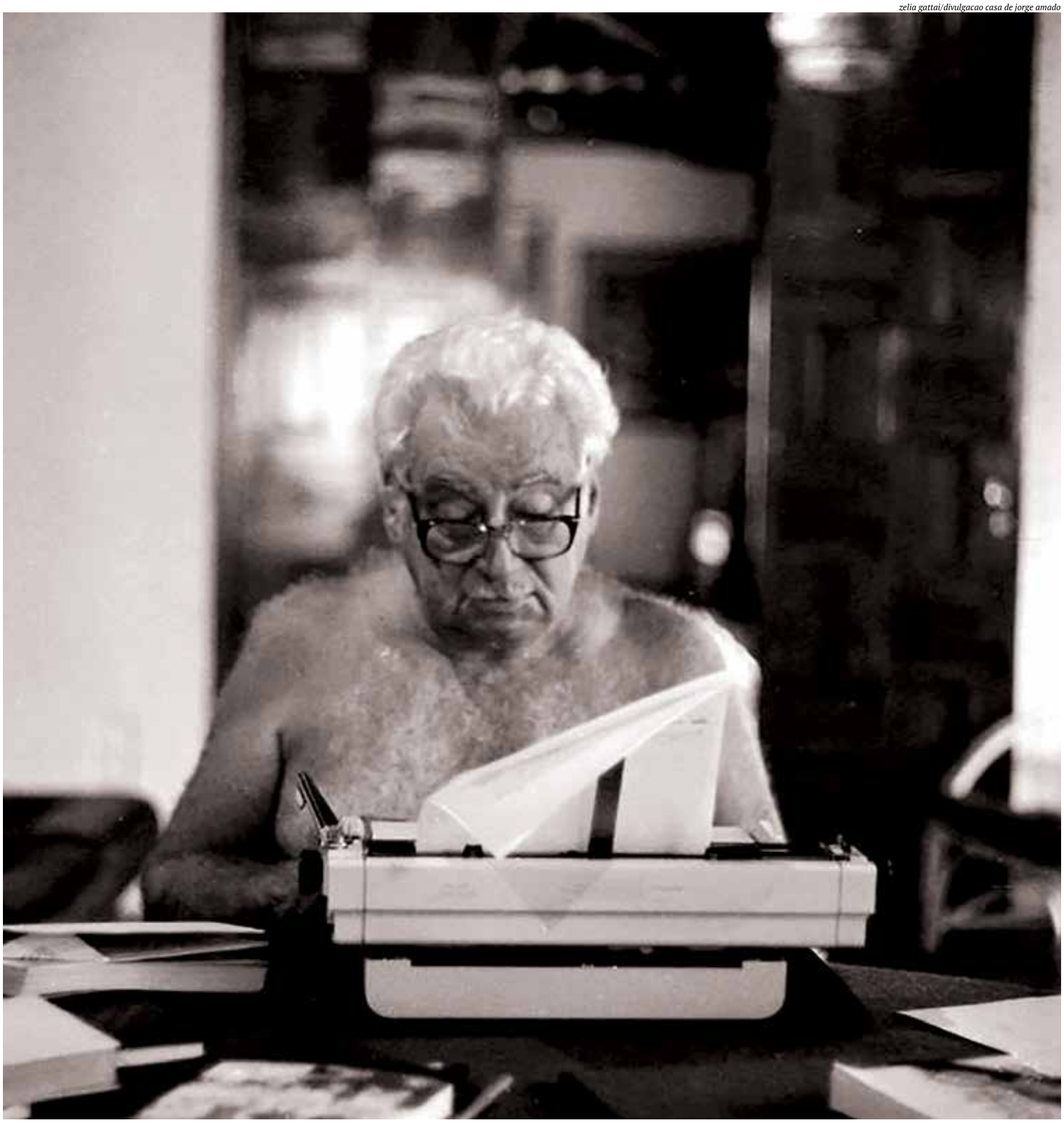
Apesar da boa fama que a obra trouxe, a jornalista Joselia Aguiar, autora de "Jorge Amado - Uma Biografia" (Todavia, 2018), pontua sua eterna resistência em relação ao livro.

"Ele considerava os dois romances posteriores, Cacau e Suor, aqueles que marcam a gênese de sua literatura. Durante muitos anos, Jorge Amado não quis publicá-lo no exterior, por considerar que 'O País do Carnaval' não representava sua visão de mundo", diz a biógrafa.

Joselia narra uma curiosidade sobre quem, na vida real, teria inspirado o personagem Paulo Rigger, figura central da obra.

"Não apenas eu, outras pessoas antes de mim imaginam que o Paul Rigger seria o Paulo Prado, intelectual paulista que defendia a tese de que o brasileiro era triste, e que o Carnaval era um sintoma de degeneração", pontua.

zelia gattai/divulgacao casa de jorge amado



reproducao

LIVRO CAPTA NAMORO DE JORGE COM O PCB

Doutor em literatura comparada e membro da Academia de Letras da Bahia (ALB), Nelson Cerqueira analisa 'O país do Carnaval' como uma obra que já demonstra as referências literárias e as teses que povoavam a cabeça do escritor baiano no período.

"Não se deve pensar que, apesar da idade, Jorge Amado era um iniciante. Ele possuía sólidas leituras de textos e conceitos teóricos como os de Gorky e Michail Bakhtin, sobretudo sobre o papel do folclore para a escrita literária, além de estar ligado no movimento com Gilberto Freyre, Lins do Rego e Graciliano Ramos", aponta.

Autor de dois livros sobre Jorge, Cerqueira analisa ainda o início do namoro entre o jovem autor e as teses comunistas, que mais tarde iriam resultar em seu ingresso no Partido Comunista Brasileiro (PCB). "O país do Carnaval nasce desses conflitos, da vida estudantil de Amado no Colégio Ipiranga e das primeiras experiências com o partido de Luís Carlos Prestes, já presente na narrativa".

mollie james/divulgacao

"O país do Carnaval nasce das primeiras experiências com o partido de Luís Carlos Prestes, já presente na narrativa"

Nelson Cerqueira, membro da ALB

EDITOR ENROLOU ANTES DA PUBLICAÇÃO

Na época que escrevia o 'o país do Carnaval', Jorge tinha acabado de ingressar no curso de direito no Rio de Janeiro. Lá, ficou muito amigo de Otávio de Faria, que leu os originais e o levou para Frederico Schmidt, famoso editor.

No entanto, Schmidt enrolou um pouco antes de publicar os escritos: "'Estou lendo, estou gostando muito, já estou na página 70'. Três dias depois eu voltava e ele dizia 'estou gostando muito, já estou na página 30'! Essa coisa demorou uns dois meses", narrava Jorge, em entrevista.

Finalmente quem leu o livro foi, na verdade, Tristão da Cunha, tradutor de Shakespeare e muito respeitado no meio literário. Ele foi à editora a procura de Schmidt e como não o encontrou começou a ler o original que estava na gaveta. Depois dessa pressão, Frederico Schmidt adiantou a leitura atrasada, autorizou a publicação e, de quebra, ainda escreveu o prefácio.

ENTREVISTA

GUILHERME BELLINTANI

“Não tenho dúvida, precisamos de mais um centroavante”

Presidente do Bahia

Reeleito em dezembro do ano passado para mais três anos à frente do Esporte Clube Bahia, Guilherme Bellintani não tem tido folga neste novo mandato. Em fevereiro, o tricolor até viveu o alívio de escapar de um rebaixamento dado como líquido e certo, mas já emendou o começo da nova temporada com marcantes tropeços de um time ainda em formação. Em entrevista ao Jornal da Cidade, o mandatário tricolor falou sobre a possibilidade da saída do atacante Gilberto, das campanhas de ações afirmativas e da contratação de novas peças para reforçar o elenco.

RENOVAÇÃO

Sobre a renovação do artilheiro Gilberto, Bellintani admite que é uma negociação difícil, dado o momento financeiro do Bahia com a perda de receitas durante a pandemia. A direção tricolor apela para o lado afetivo para manter o atleta. “É um jogador que gosta de estar no Bahia, tem carinho pelo clube e está muito satisfeito aqui”. Caso Gilberto não permaneça, Bellintani já admite ir ao mercado atrás de uma reposição imediata. “Não tenho dúvida, precisamos de mais um centroavante. Desde a saída de Fernandão, não tivemos centroavante de ofício mais experiente”, diz.

CAMPANHAS

Nos últimos anos, o Bahia se notabilizou por campanhas progressistas que aborda temas contra o preconceito às mulheres, contra a LGBTfobia e o racismo. Bellintani, no entanto, admitiu que, no momento, estas ações estão paradas por conta dos resultados em campo. “É compreensível que o clube dê mais ou menos intensidade a partir do momento que ele reflete sobre si próprio. Dar alguns intervalos e respirar um pouco é também importante para retomar o fôlego”, diz.

FONTE NOVA

O presidente tricolor falou também sobre a relação com a Fonte Nova durante a pandemia. No momento, o clube joga em Pituaçu e não na arena, que tem funcionado como hospital de campanha para tratar pacientes da covid-19. “Quando a pandemia chegou, a primeira coisa que nós estabelecemos foi a suspensão do repasse no programa de sócios. Fizemos em comum acordo. E a Fonte Nova permanece bancando 50% do repasse para os jogos do Bahia, mesmo com os portões fechados”.

divulgacao/ecb

CARLOS NAVARRO

reproducao

Jornalista e escritor

O jornalista e escritor Carlos Navarro lançou nesta semana seu novo livro, intitulado "Goroba e os amores errantes". A obra tem como principal inspiração seu irmão mais novo, dentista, já falecido. Navarro conta que Goroba era um destacado profissional, embora levasse a vida uma maneira não muito convencional, deixando de declarar imposto de renda e de ter conta em banco. Em entrevista a Mário Kertész, no Jornal da Metrópole no Ar, Navarro falou das aventuras de Goroba e mais detalhes da publicação.

PERSONAGENS

Além de Goroba, o livro é recheado de personagens curiosos, entre eles Detinha Bom Xibiu e um alquimista matador de aluguel, que envenenava suas vítimas por encomenda. O livro é ambientado em cidades como Alagoinhas e Iaçu, terra natal do autor.

GADO

Jornalista político, ex-diretor da sucursal do Estadão na Bahia, Navarro falou também sobre o momento do Brasil e avaliou o governo de Jair Bolsonaro (sem partido). "Cada loucura que ele faz é pensada para manter o eleitorado dele, que a gente chama sem nenhum pudor de gado... E me perdoe o gado".

"A gente chama sem nenhum pudor de gado... E me perdoe o gado"

Bahia REFORÇADA contra o coronavírus

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA Meu ORGULHO

Senhor do Bonfim
+ 10 leitos

Feira de Santana
+ 33 leitos

Alagoinhas
+ 9 leitos

Campo Formoso
+ 20 leitos

Barra
+ 20 leitos

Camaçari
+ 37 leitos

Barreiras
+ 10 leitos

Seabra
+ 25 leitos

Jacobina
+ 10 leitos

Lauro de Freitas
+ 346 leitos

Salvador
+ 451 leitos

Caetité
+ 30 leitos

Jequié
+ 10 leitos

Santo Antônio de Jesus
+ 12 leitos

Guanambi
+ 10 leitos

Brumado
+ 20 leitos

Ilhéus
+ 52 leitos

Itabuna
+ 10 leitos

Porto Seguro
+ 10 leitos

O Governo do Estado segue trabalhando firme para enfrentar a pandemia. Em 2021, já foram abertos mais de 1000 novos leitos, chegando a um recorde de **mais de 3.400 leitos abertos** dedicados para casos de covid em toda a Bahia.

Todos os esforços estão sendo feitos para salvar vidas, e você também precisa continuar com todos os cuidados. Unidos, vamos vencer essa guerra.